

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
Escola Nacional de Ciências Estatísticas

Textos para discussão
Escola Nacional de Ciências Estatísticas
Número 26

LEVANTAR SUBSÍDIOS NO JAPÃO PARA UMA VIDA MELHOR NO BRASIL - NIKKEYS QUE AFIRMAM TER A INTENÇÃO DE IR PARA O JAPÃO TRABALHAR (QUESTIONÁRIO A)

Kaizô Iwakami Beltrão†
Sonoe Sugahara‡

Rio de Janeiro
2009

† kaizo.beltrao@ibge.gov.br
‡ sonoe.pinheiro@ibge.gov.br

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093

Divulga estudos e outros trabalhos técnicos desenvolvidos pelo IBGE ou em conjunto com outras instituições, bem como resultantes de consultorias técnicas e traduções consideradas relevantes para disseminação pelo Instituto. A série está subdividida por unidade organizacional e os textos são de responsabilidade de cada área específica.

ISBN 978-85-240-4094-8

© IBGE. 2009

Impressão

Gráfica Digital/Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI/IBGE, em 2009.

Capa

Gerência de Criação/CDDI

Sugahara, Sonoe

Levantar subsídios no Japão para uma vida melhor no Brasil : *nikkeys* que afirmam ter a intenção de ir para o Japão trabalhar (questionário A) / Sonoe Sugahara, Kaizô Iwakami Beltrão. - Rio de Janeiro : Escola Nacional de Ciências Estatística, 2009.

51 p. – (Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093 ; n. 26)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-240-4094-8

1. Trabalhadores estrangeiros brasileiros – Japão. 2. Brasileiros – Japão – Identidade. 3. Japoneses – Brasil – Identidade étnica. 4. Imigrantes – Japão. 5. Imigrantes – Brasil. 6. Migração. I. Beltrão, Kaizô I. (Kaizô Iwakami). I. IBGE. III. Escola Nacional de Ciências Estatísticas (Brasil). IV. Série.

Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais CDU 331.024:314.742(81:520)

RJ/IBGE/2009-18

ECO

SUMÁRIO

I - Introdução	7
II – Um breve perfil dos potenciais <i>dekasseguis</i>	8
II. 1 – Características pessoais	8
II. 2 – Ida ao Japão.....	17
II. 3 – Empreendedorismo e capacitação	26
III - Comentários.....	30
Bibliografia.....	32
ANEXO A – Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no Japão, Ufs e municípios selecionados e cotas amostrais.	33
ANEXO B - QUESTIONÁRIO A	43

RESUMO

Este texto apresenta os resultados de uma das componentes de um projeto empreendido pela ABD (Associação Brasileira de *Dekasseguis*) sobre os *dekasseguis* em janeiro e fevereiro de 2004, particularmente sobre os dados do questionário aplicado aos indivíduos que tinham intenção de trabalhar no Japão no futuro próximo (Questionário A). Contrapontua-se com dados dos outros questionários (*dekasseguis* retornados e os no Japão). São razoavelmente bem marcadas as mudanças ocorridas no perfil dos potenciais *dekasseguis vis-à-vis* aos respondentes dos outros questionários da amostra: i) proporcionalmente mais solteiros; ii) mais indivíduos viajando sozinhos (ainda que alguns casados), principalmente mulheres; iii) maior proporção de indivíduos com suporte direto da família/amigos para custear passagem e encontrar emprego, por oposição ao suporte de empreiteiras/agenciadoras; iv) queda na proporção dos que viajam com os pais e irmãos; v) um maior distanciamento geracional do Japão; e vi) um pior manejo da língua japonesa. Estas características podem estar indicando uma inflexão no caráter da migração de comodificado para baseado em redes e/ou especulativo. Obviamente os três grupos entrevistados têm muitos pontos em comum: i) as razões predominantes que fundamentariam a ida ao Japão estão ligadas ao mercado de trabalho e ao capital humano (desemprego, insatisfação com a renda, busca de oportunidade de melhoria e conseguir recursos para pagar os estudos); ii) o caráter temporário do movimento fica evidenciado pelo fato de objetivos como se fixar no Japão e poupar dinheiro para investir no Japão terem pouca representatividade; iii) A marca registrada de todos estes entrevistados e a percepção de que não é necessário preparar-se para ter um negócio. Esta não preparação para a volta explica o nível de fracasso e frustração dos *dekasseguis* retornados e as reiteradas idas e vindas no eixo Brasil-Japão.

Palavras chaves: dekassegui, remessas internacionais, migração laboral Brasil Japão

ABSTRACT

This paper presents the results of part of a project undertaken in January and February 2004 by ABD (Brazilian Association of *Dekasseguis*) on Brazilian *dekasseguis*, particularly related to the data of the questionnaire applied to individuals intending to go work in Japan in the near future as *dekasseguis* (Questionnaire A). Data from the other two questionnaires are used as counter point. There are quite clear differences between the characteristics of the potential *dekassegui* and the respondents of the other questionnaires in the sample: i) proportionally more single individuals; ii) more people traveling by themselves (though some are married), mainly among women; iii) a larger proportion of individuals with direct support from family/friends to cost travel expenses, as well as job procurement, as opposed to relying on travel and job placement agencies; iv) a smaller proportion of those traveling with parents and siblings; v) a further generational distancing from Japan; and vi) a poorer mastering of the Japanese language. These characteristics are possibly indicating an inflexion in the nature of the migration: from commodity to network and/or speculative migration. Obviously the three groups interviewed present several points in common: i) the main motivations for the move to Japan are linked to the labor market and human capital (unemployment, discontent with current income, looking for an opportunity for improvement and obtaining money to pay for further studies); ii) the temporary nature of the move is evident by the fact that objectives such as settling in Japan and saving to invest in Japan are seldom cited; and iii) the trademark of all the interviewees is the perception that there is no need to prepare oneself to open a business. This lack of preparation could explain the failure rate and the level of frustration of the returning *dekasseguis* as well as the pendulum pattern in the Brazil – Japan axis.

Key words: *dekassegui*, labor migration Brazil Japan, international remittances

I - INTRODUÇÃO

Nos meses de janeiro e fevereiro de 2004, a ABD (Associação Brasileira de *Dekasseguis*) como parte de um projeto sobre os *dekasseguis*¹ brasileiros, aplicou uma série de questionários a três grupos: (i) *dekasseguis* que haviam retornado ao Brasil (questionário C); (ii) *dekasseguis* que se encontravam no Japão em janeiro de 2004 (questionário B) e (iii) potenciais *dekasseguis*, ou seja, brasileiros que tinham planos no curto prazo de ir trabalhar no Japão (questionário A). O projeto incluiu também um levantamento documental (ver www.abd.net.org.br para descrição do projeto na íntegra). O processo e o critério de seleção dos indivíduos entrevistados encontra-se no Anexo A.

Este texto apresenta os resultados uma componente do projeto sobre os potenciais *dekasseguis* brasileiros, ou seja, aqueles brasileiros da comunidade *nikkey*² que tinham planos, no curto prazo, de ir trabalhar no Japão (questionário A). Representam, portanto, a nova geração dos *dekasseguis*. A geração mais velha seria a dos que já retornaram (questionário C – ver Beltrão e Sugahara, 2009b) e a intermediária a dos que se encontravam no Japão em 2004 (questionário B – ver Beltrão e Sugahara, 2006 e 2009a). É claro que com as idas e vindas, torna-se difícil enquadrá-los em um determinado grupo, mas na classificação adotada por Naoto (2003), a geração mais nova corresponderia à quarta fase (após 1993) e as mais antigas à segunda (1985-89) e terceira fase (1990-92), com interseções com a quarta. A análise dos dados obtidos com esta população (questionário A) revela um diferencial em relação às levas anteriores: a geração mais próxima de parentesco em termos de descendência japonesa passa a ser dos avós e, associado a este fato, há uma piora perceptível na proficiência da língua japonesa, em termos de entendimento, fala, leitura e escrita. Este texto compara também as entrevistas do três questionários, contextualizando-os como proxy das diferentes fases de Naoto.

O texto consta de três seções, sendo a primeira esta introdução. Na segunda seção são apresentados, com o auxílio de tabelas e gráficos, os resultados obtidos para cada uma das variáveis do questionário aplicado. O questionário em si encontra-se no Anexo B. Na terceira seção são tecidos comentários à guisa de conclusão. Como já mencionado, o texto inclui também outro anexo, o Anexo A no qual é descrito em linhas gerais o procedimento adotado para a definição das cotas utilizadas na definição das amostras assim como estas cotas.

¹ ver Beltrão e Sugahara (2009b) para a origem e etimologia do termo *dekassegui*.

² ver Beltrão e Sugahara (2009b) para a definição de *comunidade nikkey*.

II – Um breve perfil dos potenciais *dekasseguis*

Nesta seção será descrito, em linhas gerais, o perfil dos indivíduos da amostra que declararam a intenção de ir trabalhar no Japão. Como mencionado, sempre que possível serão traçados paralelos entre as populações dos dois outros questionários (Questionário B e Questionário C). Como o Questionário B abordou a população que se encontrava no Japão em janeiro de 2004 trabalhando como *dekasseguis* e o Questionário C, a população que havia trabalhado no Japão e retornado ao Brasil e aqui presente no início de 2004, espera-se um diferencial de geração entre as três populações. O que se observa é que, com a modificação na lei de imigração japonesa em 1990 permitindo a ida de *sanseys*³ e cônjuges não necessariamente *nikkeys*, aliado ao fato de existir um maior distanciamento em termos da descendência japonesa, há um contingente maior de indivíduos, entre os potenciais *dekasseguis*, com menor conhecimento da língua japonesa.

II. 1 – Características pessoais

Os contingentes de homens e mulheres da amostra são bastante próximos: 49,5% são homens e 50,5% são mulheres. Como pode ser observado na Tabela 1, trata-se de um contingente bastante jovem (70% dos homens e mulheres têm menos de 40 anos).

Tabela 1– Distribuição de grupos etários segundo sexo

	Homens	Mulheres
<18	3,9%	7,7%
18/19	9,5%	9,0%
20/24	17,2%	17,2%
25/29	11,4%	18,0%
30/34	10,8%	8,5%
35/39	17,2%	18,2%
40/44	6,4%	6,9%
45/49	8,3%	6,1%
50/54	3,2%	2,7%
55/59	6,4%	4,8%
60/64	3,2%	1,0%
65/69	1,3%	0,0%
70 e +	1,3%	0,0%

Fonte: dados da pesquisa - questionário A.

³ Ver Beltrão e Sugahara (2009b) para a definição de *sansey* e de *nikkey*.

A grande maioria dos potenciais *dekasseguis* é casada (51,6% dos homens e 42,7% das mulheres), seguido dos solteiros, como pode ser visto na Tabela 2. Divorciados, vivem juntos e viúvos constituem 13,4% dos homens e 18,1% das mulheres. A diferença entre a proporção de homens e mulheres casados indicam que famílias são (pelo menos temporariamente) separadas. A proporção de mulheres separadas/divorciadas/solteiras é conseqüentemente superior a de homens, indicando que devam migrar sozinhas ou como chefes de família. Comparando-se os resultados dos dois outros questionários, verifica-se uma mudança no perfil: os primeiros (Questionário C e Questionário B) tinham um contingente menor de solteiros e maior de casados (ver Tabela 2). Considerando-se a tendência temporal sugerida pelos questionários C e B (nesta ordem), esperar-se-ia uma maior proporção de indivíduos casados no questionário A. Esta maior proporção de solteiros pode estar indicando uma inflexão no caráter da migração. A mudança seria na direção de uma migração de caráter mais especulativo, por oposição ao caráter contratado (ver Molho, 1986) dos grupos anteriores. A mudança do caráter da demanda de mão de obra não especializada no Japão (com um aumento do “arbaite”⁴) pode explicar parte da mudança.

Tabela 2 – Distribuição do estado civil em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Solteiro	35,0%	39,2%	20,4%	19,3%	27,6%	26,6%
Divorciado	6,4%	10,9%	5,0%	9,1%	5,9%	9,0%
Casado	51,6%	42,7%	67,5%	63,1%	60,4%	55,4%
Vive junto	4,4%	4,4%	5,5%	4,8%	4,5%	3,2%
Viúvo	2,6%	2,8%	0,8%	3,7%	0,9%	4,5%
Outro					0,2%	0,0%
Sem resposta			0,8%	0,0%	0,4%	1,2%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Quando se considera a escolaridade dos potenciais *dekasseguis*, verifica-se que a grande maioria tem ensino médio, seguido do grupo com ensino fundamental. Juntos, constituem 79,6% dos homens e 82,4% das mulheres, como mostram a Tabela 3. Uma comparação com os resultados dos demais questionários mostra uma proporção maior de indivíduos com nível médio e escolaridade maior (especialização/ extensão/ mestrado/ doutorado) entre os potenciais *dekasseguis*. Um crescimento da instabilidade econômica (queda no PIB brasileiro em 2000/2001 e 2002/2003) aliado a possíveis alterações no perfil da demanda de mão de obra poderia estar empurrando indivíduos mais escolarizados para a migração.

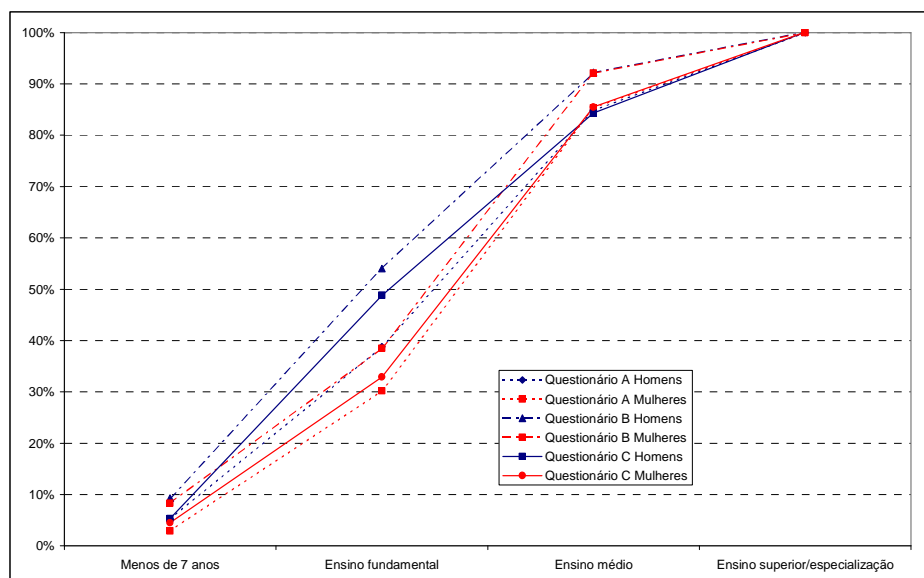
⁴ trabalho temporário

Tabela 3 – Distribuição da escolaridade em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Menos de 7 anos	5,2%	2,9%	9,3%	8,3%	5,3%	4,5%
Ensino fundamental	33,6%	27,3%	44,7%	30,2%	43,5%	28,4%
Ensino médio	46,0%	55,1%	38,2%	53,6%	35,5%	52,6%
Ensino superior	11,4%	12,8%	7,5%	6,9%	15,2%	13,3%
Especialização/extensão/mestrado/doutorado	3,8%	1,9%	0,4%	1,0%	0,6%	1,3%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Gráfico 1 – Distribuição Cumulativa de escolaridade segundo sexo e questionário



Em termos de descendência a grande maioria dos potenciais *dekasseguis* é descendente de japoneses por parte de pai e mãe ou por parte de um deles: 80,9% dos homens e 81,7% das mulheres. A grande maioria tem esta descendência relativamente próxima: 79,5% dos homens e 79,7% das mulheres têm a geração mais próxima como sendo até a dos avós. Entre os descendentes pelo menos metade tem avós ou bisavós como a geração mais perto que veio do Japão. Existem mais homens não *nikkeys* (日系, literalmente de linhagem japonesa) do que mulheres. Em relação aos indivíduos que responderam ao Questionário C que corresponde a uma leva anterior, observa-se um maior contingente de descendentes de japoneses por parte de ambos os pais, quando comparados com os que responderam ao Questionário A e Questionário B, indicando possivelmente um aumento dos casamentos exogâmicos entre os *nikkeys*.

Tabela 4 – Distribuição da descendência em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Descendente por parte de pai e mãe	50,3%	56,1%	52,9%	50,7%	72,2%	74,2%
Descendente por parte de um dos pais	30,6%	25,6%	28,8%	28,5%	16,3%	15,8%
Não descendente	19,1%	18,3%	18,4%	20,8%	10,0%	9,5%
Não respondeu					1,5%	0,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Entre os potenciais *dekasseguis* do sexo masculino encontram-se mais indivíduos que não são descendentes de japoneses, embora entre os descendentes, a relação com o Japão seja mais próxima entre os homens do que entre as mulheres. Quando se compara com as levas anteriores de *dekasseguis* (Questionário B e Questionário C), observa-se que há um maior distanciamento na relação com o Japão, como pode ser observado na Tabela 5 (não parece haver diferenças expressivas entre os respondentes dos questionários B e C).

Tabela 5– Distribuição da geração em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Sou japonês	5,2%	1,0%	2,5%	2,2%	6,6%	5,8%
A de meus pais	30,8%	30,1%	40,4%	38,2%	42,4%	38,7%
A de meus avós	43,5%	48,6%	36,7%	38,0%	37,0%	44,2%
Anterior a de meus avós	1,3%	2,9%	1,7%	0,8%	0,5%	1,6%
Não descendente	19,2%	16,4%	7,5%	6,2%	7,9%	7,3%
Não respondeu	0,0%	1,0%	11,2%	14,7%	5,7%	2,4%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Entre as mulheres migrantes potenciais e casadas são preponderantes os cônjuges *nikkeys*, embora quando comparadas com as levas anteriores, a proporção de cônjuges *nikkeys* seja menor (ver Tabela 6). Entre os homens, o comportamento é o mesmo, mas a tendência temporal é respeitada (maior proporção no questionário C, menor no questionário A com uma situação intermediária no B).

Tabela 6 – Distribuição de cônjuge nikkey em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Sim	55,6%	62,1%	66,9%	77,2%	70,8%	74,5%
Não	44,4%	37,9%	32,6%	22,8%	29,2%	25,5%
Não respondeu			0,5%			

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Entre os potenciais *dekasseguis*, a ida parece uma opção principalmente para indivíduos ainda não estabilizados ou transicionais, sejam eles estudantes, desempregados, sem ocupação ou autônomos (empresários e profissionais liberais). Entre as mulheres encontram-se também donas de casa e comerciárias/balconistas. Na levas anteriores, a proporção de estudantes era maior, mas a de desempregados, bem menor. Observa-se que entre os potenciais não há operários e a proporção de homens trabalhando em agro-pecuária é bem menor (ver Tabela 7).

Tabela 7 – Distribuição da principal atividade de trabalho no Brasil antes da ida ao Japão em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Agro-pecuária	2,6%	0,0%	7,5%	1,4%	6,6%	0,7%
Balconista/comerciário	4,5%	10,7%	10,8%	10,4%	4,2%	6,6%
Operário de fábrica			3,3%	1,4%	0,2%	0,1%
Bancário	1,3%	0,0%	5,0%	1,4%	3,8%	5,1%
Operário na construção civil			1,2%	0,0%	0,1%	0,0%
Operário de outro tipo			18,4%	2,2%	1,4%	0,3%
Empresário/comerciante	12,1%	8,9%	9,6%	6,9%	18,8%	6,1%
Professor de ensino fundamental ou médio	1,3%	0,9%	1,3%	5,4%	0,7%	2,6%
Professor de ensino superior			0,4%	0,5%	0,1%	0,7%
Estudante de nível fundamental ou médio	9,6%	10,2%	17,5%	26,5%	15,3%	23,7%
Estudante de nível superior	3,2%	6,0%	0,4%	1,0%	5,1%	5,4%
Funcionário público	0,6%	0,6%	1,6%	0,8%	1,3%	1,2%
Prof. Liberal: advogado, médico, dentista, etc.	10,8%	5,4%	10,8%	8,4%	5,0%	2,4%
Serviços de escritório	7,0%	7,6%	4,6%	12,7%	5,3%	9,8%
Serviços de hotelaria, restaurante ou bar	1,3%	1,3%	2,9%	1,0%	0,8%	0,1%
Serviços de beleza (manicure, cabeleireiro, etc.)	0,0%	2,8%	0,0%	1,4%	0,1%	4,2%
Serviços de saúde (hospital, asilos, etc)	0,0%	3,5%	2,1%	3,9%	0,1%	0,5%
Indústria de comida					0,2%	0,3%
Desempregado	12,7%	10,2%	0,8%	0,0%	0,8%	3,6%
Aposentado	1,3%	1,9%	0	0,7%	0,0%	0,4%
Dona de casa	0,6%	10,0%	0,0%	11,7%	0,0%	12,8%
Nenhuma	22,3%	9,9%	1,3%	0,0%	27,9%	10,6%
Não respondeu	9,0%	10,0%	0,4%	2,1%	2,3%	2,8%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

No Japão, a grande maioria trabalhará como operário, seja de fábrica ou de outro tipo. Aparecem também indivíduos declarando que não terão atividade, ou que pelo menos não tem ainda uma definição. Comparando-se as atividades exercidas no Japão por *dekasseguis* das levas anteriores, observa-se um menor número de operários de fábrica e serviços de hotelaria entre os potenciais *dekasseguis* (ver Tabela 8). É bom lembrar que uma fração importante dos respondentes do questionário A, não tinha ainda um emprego, quando da entrevista (não responderam).

Tabela 8 – Distribuição da atividade de trabalho no Japão em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Balconista/comerciário	0,0%	1,9%	2,1%	0,0%	0,2%	1,0%
Operário de fábrica	19,1%	21,4%	74,5%	61,6%	51,3%	50,5%
Bancário					0,5%	0,0%
Operário na construção civil	4,5%	0,9%	1,3%	0,0%	2,7%	0,0%
Operário de outro tipo	12,7%	13,9%	8,3%	6,5%	19,1%	18,8%
Empresário/comerciante			1,2%	1,4%	0,2%	0,0%
Professor de ensino fundamental ou médio	0,6%	0,0%				
Professor de ensino superior	0,0%	0,6%				
Estudante de nível fundamental ou médio					0,0%	0,1%
Estudante de nível superior			0,4%	0,0%		
Profissão liberal: advogado, médico, dentista, etc	0,0%	1,5%	1,7%	1,5%	0,1%	0,2%
Serviços de escritório	0,0%	1,5%	1,7%	0,5%	0,3%	1,4%
Serviços de hotelaria, restaurante ou bar	1,3%	1,9%	1,3%	2,8%	3,0%	3,2%
Serviços de beleza (manicure, cabeleireiro)					0,3%	0,5%
Serviços de saúde (hospital, asilos, etc)	1,3%	2,9%	0,0%	1,4%	0,1%	2,6%
Indústria de comida	0,6%	6,3%	5,0%	9,8%	1,9%	4,3%
Desempregado			1,7%	4,1%	0,1%	0,0%
Aposentado			0,0%	0,8%	0,1%	0,0%
Dona de casa			0,0%	6,6%	0,1%	0,4%
Nenhuma	19,7%	11,6%			15,9%	11,4%
Não respondeu	40,1%	35,6%	0,8%	2,9%	4,3%	5,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Entre os homens, a proporção, entre os potenciais *dekasseguis*, que declarou falar regular ou bem japonês é maior do que entre as mulheres. Mais de metade em ambos os sexos declara que fala Nada ou Pouco (Tabela 10). Mas comparando-se com os respondentes dos demais questionários, a proporção dos que nada falam é bem maior.

Tabela 9 – Distribuição de se fala japonês em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Nada	24,8%	28,5%	9,2%	7,0%	6,3%	6,9%
Pouco	35,0%	42,6%	37,5%	42,1%	38,8%	41,2%
Regular	25,4%	16,7%	31,2%	36,5%	32,4%	34,4%
Bem	14,7%	11,3%	20,8%	14,4%	18,6%	16,1%
Não respondeu	0,1%	0,9%	1,3%	0,0%	3,9%	1,4%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

A situação é bem semelhante no que tange o entendimento da língua, porém ligeiramente melhor. Entre os potenciais *dekasseguis* homens, a proporção que declara entender japonês num nível regular ou bom é também maior do que entre as mulheres (Tabela 10). Entre os potenciais *dekasseguis*, mais de metade em ambos os sexos declara que entendem Nada ou Pouco. Aqui também em comparação com os *dekasseguis* de levadas anteriores, a proporção dos que nada entendem é bem maior.

Tabela 10 – Distribuição se entende japonês em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Nada	17,2%	18,4%	5,0%	2,8%	4,4%	4,1%
Pouco	34,3%	40,3%	35,5%	39,5%	32,5%	31,3%
Regular	27,4%	24,5%	35,0%	39,7%	38,3%	42,4%
Bem	20,5%	14,0%	23,7%	17,3%	21,7%	20,6%
Não respondeu	0,6%	2,9%	0,8%	0,7%	3,1%	1,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Como era de se esperar, a situação é semelhante no que tange o entendimento da linguagem escrita, pior entre os potenciais *dekasseguis*. Entre os homens, a proporção que declarou ler Regular ou Bem em japonês é também maior do que entre as mulheres (Tabela 11). Aqui mais de 70% em ambos os sexos declaram que lêem Nada ou Pouco. Em comparação com os indivíduos que responderam aos outros questionários, a proporção dos que não conseguem ler nada é também maior. A linguagem escrita é uma barreira mesmo para o entendimento dos direitos e abre a possibilidade de exploração e mal-entendidos.

Tabela 11 – Distribuição se lê em japonês em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Nada	37,6%	47,5%	35,1%	26,0%	27,5%	25,1%
Pouco	40,0%	29,2%	41,2%	50,3%	46,0%	49,6%
Regular	14,1%	11,6%	17,1%	17,6%	13,2%	18,2%
Bem	7,0%	5,2%	4,1%	6,1%	6,0%	3,9%
Não respondeu	1,3%	6,5%	2,5%	0,0%	7,2%	3,1%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Como era também previsível, a pior situação diz respeito à escrita. Aqui mais de 80% em ambos os sexos dos potenciais *dekasseguis* declaram que lêem Nada ou Pouco (Tabela 14). Aqui também, em comparação com os indivíduos que responderam aos outros questionários, a proporção dos que nada escrevem é maior.

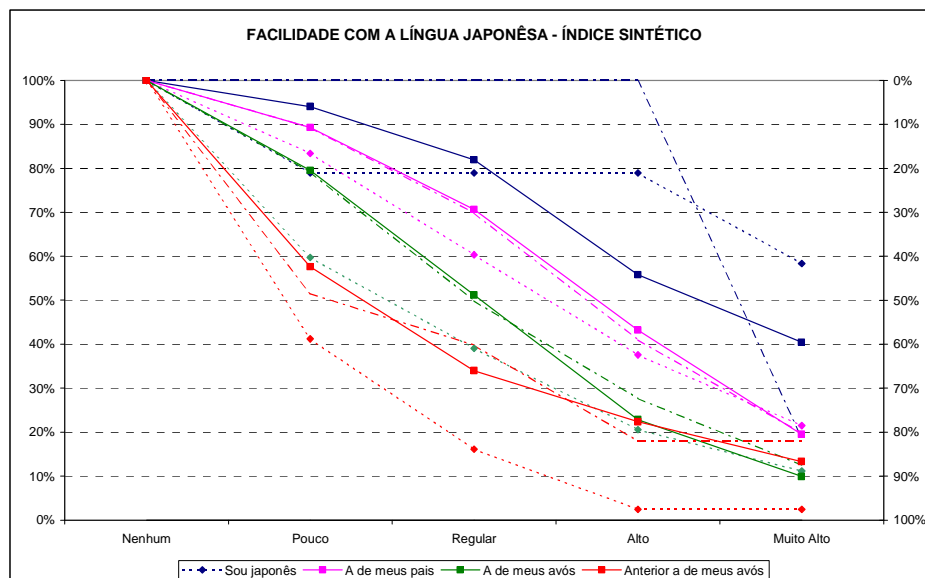
Tabela 12 – Distribuição se escreve em japonês em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Nada	42,1%	47,9%	38,8%	27,4%	34,8%	29,6%
Pouco	42,6%	33,0%	38,7%	52,6%	41,8%	47,6%
Regular	10,9%	10,2%	15,4%	14,7%	11,6%	16,5%
Bem	3,2%	2,4%	3,3%	5,3%	4,6%	3,1%
Não respondeu	1,2%	6,5%	3,7%	0,0%	7,4%	3,3%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Foi criado um indicador sintético (“facilidade com a língua japonesa”) agregando todos os quesitos relacionados com a língua japonesa. Associando a cada uma das quatro categorias iniciais os valores de 1 a 4, e calculou-se a soma das respostas com respeito a entender, falar, ler e escrever. Re-codificou-se o valor da soma em 5 categorias: Nenhum (soma até 6, ou seja respondeu a no máximo dois quesitos com “pouco” e o resto com “nenhum”), Pouco (soma = 7 ou 8), Regular (9 ou 10), Alto (11 ou 12), Muito Alto (13 ou mais). Este procedimento pressupõe que os quesitos apresentariam níveis de dificuldade semelhantes, o que não é verdade. Grosso modo, “Entender” é mais fácil do que “Falar”, que por sua vez é mais fácil do que “Ler” que é mais fácil do que “Escrever”. O Gráfico 2 apresenta a distribuição cumulativa deste índice sintético para cada um dos questionários aplicados: A para os potenciais *dekasseguis* (linha pontilhada), B para os *dekasseguis* no Japão (linha tracejada) e C para os *dekasseguis* retornados (linha cheia), segundo geração (azul para os japoneses, rosa para os que têm pais japoneses, verde para os que têm avós japoneses e vermelho para o que tem laços mais remotos (o grupo “não sou descendente de japoneses” foi agregado ao grupo “anterior a de meus avós”). Observa-se uma ordenação tanto por geração como por questionário: em cada questionário, os grupos com ascendência japonesa mais próxima mostram mais facilidade com a língua japonesa e entre os grupos, as levas mais antigas (questionários C e B) mostram maior facilidade do que a leva mais recente (questionário A).

Gráfico 2 – Distribuição cumulativa da facilidade com a língua japonesa (índice sintético) em cada um dos questionários aplicados – ambos os sexos



Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Indivíduos com imóvel próprio constituem mais da metade sendo muito semelhante para os dois sexos: 58,7% dos homens e 53,8% das mulheres responderam sim. Entre os que possuem imóvel, a forma preponderante é casa (ver Tabela 13). Note-se que como é possível ter mais de um tipo de imóvel, a soma pode ser maior do que a proporção de indivíduos que alegaram ter imóveis.

Tabela 13 – Distribuição do tipo de imóvel que possui segundo sexo

	Homens	Mulheres
Casa	40,5%	29,0%
Apartamento	14,2%	15,7%
Imóvel comercial	14,2%	15,7%
Imóvel industrial	5,8%	4,9%
Imóvel rural	2,6%	4,0%
Outros imóveis	4,5%	5,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário A.

Quanto à Seguridade no sentido amplo, a cobertura entre os migrantes potenciais é muito baixa, refletindo, de certa forma a precariedade das relações de trabalho nos quais estão inseridos. A cobertura maior diz respeito à Saúde e algo como 75% não têm cobertura previdenciária (ver Tabela 14). Quando se compara com os valores dos *dekasseguis* que se encontram no Japão e o retornados, estes últimos têm cobertura menor em termos de saúde, enquanto que os *dekasseguis* no Japão apresentam

proporção maior de assistência saúde, com exceção dos homens no que diz respeito à assistência saúde para a família. Em termos de previdência, oficial e privada, são os *dekasseguis* retornados que apresentam maior cobertura com exceção das mulheres no Japão que apresentam a maior cobertura em termos de previdência oficial. Os *dekasseguis* no Japão são os que apresentam maior cobertura de seguro acidente. Cumpre lembrar que no Brasil a participação na Previdência Oficial implica numa cobertura de acidentes de trabalho (diferentemente da situação no Japão).

Tabela 14 – Proporção dos que tinham acesso à assistência saúde, seguro e previdência, em cada um dos questionários – segundo sexo

	Questionário A		Questionário B (no Japão)		Questionário C (no Brasil)	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Assistência saúde para si	34,0%	32,5%	43,7	50,4	11,1%	15,2%
Assistência saúde para família	43,6%	37,5%	34,5	42,0	23,6%	24,4%
Seguro de vida	12,1%	5,1%	17,5	16,4	11,3%	8,3%
Seguro acidente	16,7%	2,7%	25,4	20,8	9,5%	4,5%
Previdência oficial	16,0%	14,5%	13,3	26,3	32,3%	22,4%
Previdência privada	12,8%	9,1%	4,6	2,1	13,2%	15,2%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

II. 2 – Ida ao Japão

Homens e mulheres viajam principalmente sozinhos, confirmando a hipótese da separação temporária das famílias (já que uma grande proporção é casada), mas o que se observa é que entre os potenciais *dekasseguis*, há um aumento grande de mulheres que viajam sozinhas (Tabela 15). Entre as mulheres, porém, é importante a migração familiar, seja com o cônjuge, seja com irmãos, porém menor entre os potenciais *dekasseguis*. Observa-se também uma queda na proporção dos que viajam com os pais e irmãos entre os potenciais *dekasseguis*.

Tabela 15 – Distribuição da companhia para o Japão em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Sozinho	45,6%	34,0%	43,7%	21,2%	37,2%	21,0%
Com esposo(a)/companheiro(a)	26,3%	20,5%	19,6%	24,3%	21,8%	26,0%
Com esposo(a) e filhos	10,8%	19,4%	13,7%	22,6%	15,9%	16,8%
Com os pais	5,2%	3,4%	11,7%	20,6%	12,1%	12,3%
Com irmãos	2,6%	7,6%	10,0%	9,8%	8,0%	14,1%
Amigos	3,8%	5,0%	0,0%	0,0%	0,8%	1,8%
Outros	5,8%	10,1%	0,8%	1,5%	4,0%	8,0%
Não respondeu			0,4%	0,0%	0,0%	0,1%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Cerca de metade dos potenciais migrantes estariam indo pela primeira vez, sendo que homens têm a intenção do retorno mais freqüentemente do que as mulheres. Comparando-se com as respostas dos outros questionários, a proporção dos que foram até 2 ou 3 vezes é menor entre os potenciais *dekasseguis* e os que se encontravam no Japão, do que entre os que se encontravam já de volta ao Brasil (Tabela 16). Em linhas gerais, em todos os questionários homens são mais reincidentes do que mulheres.

Tabela 16 – Distribuição de quantas vezes foi para o Japão em cada um dos questionários aplicados segundo sexo

	Questionário A		Questionário B*		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
0	47,0%	52,3%	53,4%	62,4%		
1	22,0%	27,0%	12,4%	12,5%	47,6%	55,0%
2	14,9%	12,4%	22,7%	15,7%	30,3%	26,8%
3	7,1%	7,4%	7,3%	4,9%	14,7%	13,2%
4	3,9%	1,0%	2,6%	2,1%	5,0%	3,8%
5	3,2%	0,0%	1,7%	2,3%	1,5%	0,5%
6	1,3%	0,0%			0,4%	0,1%
7 ou +	0,6%	0,0%			0,5%	0,6%

*Nota: a pergunta refere-se a idas prévias.

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Eliminando-se os valores nulos, correspondendo ao pessoal que nunca foi ao Japão, o período modal foi de 2 anos de permanência tanto para homens quanto para mulheres entre os potenciais *dekasseguis* e os que se encontravam no Japão. Entre os *dekasseguis* retornados, o período modal é de 2 anos para as mulheres, mas para os homens é de 3 anos (ver Tabela 17).

Tabela 17 – Distribuição do tempo de permanência no Japão em anos em cada um dos questionários aplicados segundo sexo.

	Questionário A		Questionário B (tempo anterior)		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
0	46,5%	53,9%	43,0%	52,0%	8,5%	9,9%
1	2,0%	4,5%	6,7%	4,8%	7,9%	10,1%
2	10,0%	9,4%	10,3%	7,0%	10,9%	12,9%
3	3,4%	7,1%	3,1%	0,8%	12,8%	12,7%
4	6,7%	2,9%	5,8%	6,2%	8,9%	10,8%
5	5,3%	6,8%	6,7%	5,6%	9,7%	7,4%
6	3,3%	4,9%	3,6%	5,7%	8,0%	7,0%
7	5,4%	1,0%	2,3%	0,6%	5,0%	7,7%
8	4,0%	2,0%	3,1%	3,2%	10,1%	7,3%
9	1,4%	0,0%	1,8%	1,7%	5,5%	3,7%
10	4,0%	3,8%	3,6%	2,4%	1,6%	2,9%
+ de 10	8,1%	3,6%	9,9%	10,0%	10,7%	7,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

As razões predominantes que fundamentariam a ida ao Japão estão ligadas ao mercado de trabalho: desemprego, insatisfação com a renda e busca de oportunidade de melhoria (Tabela 18). A motivação da poupança é também grande, principalmente visando abrir negócios no Brasil. Outros objetivos como sustentar a família, conhecer o Japão, conseguir recursos para pagar os estudos foram também bastante mencionados. Molho (1986) lista trabalho e busca por melhoria de capital humano como as principais razões para migração. O caráter temporário do movimento fica mais uma vez evidenciado pelo fato de objetivos como se fixar no Japão e poupar dinheiro para investir no Japão terem pouca representatividade. Foi dada a opção aos entrevistados de apresentarem até 3 respostas. A grande maioria se ateve a somente uma resposta como pertinente.

Tabela 18 – Distribuição dos objetivos da ida ao Japão em cada um dos questionários aplicados segundo sexo.

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Fugir do desemprego	25,0%	27,7%	9,5%	4,9%	26,0%	16,9%
Insatisfação com renda/salário	47,4%	49,0%	17,4%	15,9%	35,7%	29,1%
Busca de oportunidade de melhoria	69,3%	63,4%	47,5%	40,6%	61,7%	58,6%
Poupar dinheiro para investir no Japão	2,6%	0,6%	1,7%	0,7%	1,5%	1,9%
Acompanhar familiares	12,2%	21,7%	11,3%	28,8%	11,8%	21,4%
Poupar para abrir negócio no Brasil	48,7%	35,9%	46,2%	28,1%	41,0%	27,3%
Poupar para ajudar nos negócios da família	8,4%	8,7%	7,5%	5,9%	13,2%	11,7%
Acumular experiência numa área de trabalho	11,5%	10,6%	12,1%	5,7%	6,9%	6,4%
Sustentar a família	29,5%	23,3%	20,9%	16,0%	20,3%	17,9%
Conhecer o Japão	25,7%	32,3%	17,5%	15,1%	35,6%	41,4%
Fixar-se no Japão	3,8%	4,5%	1,7%	4,0%	1,1%	0,5%
Conseguir recursos para pagar os estudos	25,6%	27,1%	6,6%	15,0%	14,4%	13,0%
Conseguir recursos para pagar dívida	8,9%	7,6%	8,7%	2,9%	10,7%	12,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Poucos indivíduos declaram não saber o tempo que pretendem ficar no Japão. Mais de metade dos entrevistados declaram querer ficar no máximo até 3 anos (Tabela 22), coincidente com o prazo do visto de longa permanência.

Tabela 19 – Distribuição do tempo (anos) que pretende ficar no Japão segundo sexo

	Homens	Mulheres
0	26,5%	35,3%
1	12,0%	12,9%
2	14,3%	10,2%
3	12,8%	5,6%
4	4,0%	3,7%
5	4,0%	2,9%
6	6,4%	10,6%
7	3,2%	3,3%
9	2,4%	0,0%
10	0,0%	0,8%
11	0,8%	1,2%
12	11,2%	11,4%
24	2,4%	1,2%
Não respondeu	0,0%	0,8%

Fonte: dados da pesquisa - questionário A.

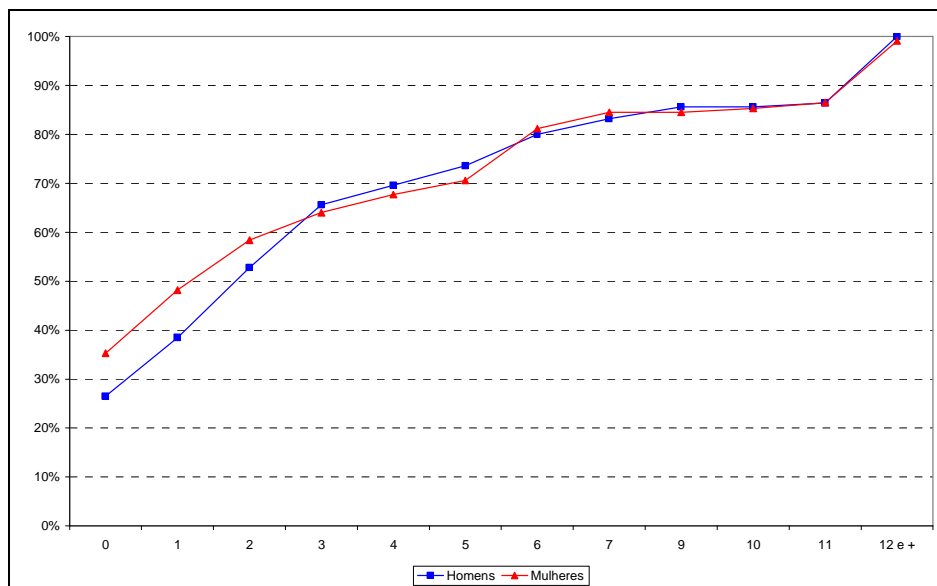
Quanto ao planejamento da viagem, mais de 2/3 pretende viajar nos próximos 3 meses, mas existe um contingente de entorno de 10% que pretende viajar daqui a um ano, indicando a possibilidade de um maior planejamento/preparação para a viagem (Tabela 20 e Gráfico 3).

Tabela 20 – Distribuição de quando pretende viajar para o Japão (em número de meses) segundo sexo.

	Homens	Mulheres
0	26,5%	35,3%
1	12,0%	12,9%
2	14,3%	10,2%
3	12,8%	5,6%
4	4,0%	3,7%
5	4,0%	2,9%
6	6,4%	10,6%
7	3,2%	3,3%
9	2,4%	0,0%
10	0,0%	0,8%
11	0,8%	1,2%
12	11,2%	11,4%
24	2,4%	1,2%
Não respondeu	0,0%	0,8%

Fonte: dados da pesquisa - questionário A.

Gráfico 3 – Distribuição cumulativa por sexo e quando pretende viajar para o Japão (em número de meses).



Fonte: dados da pesquisa - questionário A.

Mais da metade dos entrevistados declarou ter pesquisado sobre a situação no Japão. Parentes e amigos (nesta ordem) são a principal fonte de informações para os migrantes potenciais. Agências de viagem e empreiteiras vem a seguir, mas com valores bem menores (ver Tabela 21 e Tabela 22). Esta informação também sinaliza uma inflexão no caráter dos migrantes Brasil-Japão. Naoto (2003) descreve como característica desta migração o caráter de “commodity”, independentemente de redes de reciprocidade entre os dois pólos, e adquirível no mercado (via agentes, empreiteiras etc.) como qualquer outro bem e/ou serviço. Este grupo parece depender mais fortemente das redes de reciprocidade (famílias e amigos) do que dos canais que Naoto considera típico e na verdade foram importantes para os respondentes dos questionários B e C.

Tabela 21 – Distribuição de se pesquisou sobre a situação no Japão segundo sexo

	Homens	Mulheres
Sim	52,5%	51,8%
Não	12,2%	12,5%
Mais ou menos	35,3%	34,8%
Não respondeu	0,0%	0,9%

Fonte: dados da pesquisa - questionário A.

Tabela 22 – Distribuição de onde ou com quem pesquisou sobre a situação no Japão segundo sexo

	Homens	Mulheres
Agências de viagem/agenciadoras	29,1%	22,2%
Empreiteiras	25,4%	21,9%
Amigos no Japão	48,1%	44,6%
Parentes	53,9%	56,6%
Livros/jornais/folhetos	12,3%	12,3%
Entidades	11,0%	6,8%
Outros lugares	12,2%	10,4%

Fonte: dados da pesquisa - questionário A.

Existem mais pessoas declarando estar preparados para trabalhar no Japão do que para viver no Japão, indicando um possível entendimento da diferença entre as duas perguntas, mas como se o trabalho pudesse acontecer num vácuo distinto do lugar onde se vive (Tabela 23). A proporção de respostas afirmativas (sem dúvidas) é maior entre os homens.

Tabela 23 – Distribuição de se está preparado para trabalhar e viver no Japão segundo sexo

	Trabalhar no Japão		Viver no Japão	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Sim	80,6%	73,5%	74,4%	68,9%
Não	0,6%	1,3%	1,9%	2,6%
Tenho dúvidas	18,7%	25,2%	23,7%	28,5%

Fonte: dados da pesquisa - questionário A.

A escolha modal das mulheres e um número significativo de homens seguem para o Japão sem um trabalho definido, mas que pode ser entendido ainda como não definitivo já que nem todos estão com passagem marcada. A maioria conseguiu emprego com empreiteiras e amigos/parentes (Tabela 28). Comparando-se com os dados dos outros questionários, observa-se uma queda na participação de agências de turismo/agenciadoras/empreiteiras no Japão (ao longo dos 3 questionários), sinalizando para uma possível mudança na natureza da migração ou o fortalecimento de outras componentes: a especulativa, caracterizada aqui pelo percentual significativo de “sem trabalho” e a da rede social, via sinalização indireta pelo grande percentual das opções amigos no Japão e parentes como fontes de pesquisa sobre a situação japonesa e pelo percentual significativo de amigos/parentes na forma como encontrou trabalho, entre os potenciais *dekasseguis* reforçando os comentários sobre a Tabela 22.

Tabela 24 – Distribuição de como encontrou trabalho em cada um dos questionários aplicados segundo sexo.

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Sem trabalho	32,6%	36,6%				
Agências de turismo/agenciadoras/empreiteiras no Japão	39,2%	30,5%	44,5%	46,4%	54,0%	54,5%
Amigos/parentes	23,1%	24,6%	41,7%	46,2%	33,4%	35,2%
Convite da empresa que foi ao Brasil recrutar	0,6%	5,6%	8,4%	3,0%	3,3%	1,5%
Centro de Informações e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE)	1,9%	0,9%	0,0%	0,5%	0,7%	0,0%
Jornais	1,3%	0,9%	2,5%	2,5%	2,5%	1,6%
Organizações Religiosas	1,3%	0,9%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Internet	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Outro	0,0%	0,0%	2,1%	1,4%	6,0%	6,8%
Sem resposta	0,0%	0,0%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Precariedade da situação e/ou mudança na natureza do processo migratório também se traduzem na forma de contrato: quase metade dos entrevistados no questionário A está ainda sem definição do tipo de relação de trabalho que terá (ver Tabela 25). A proporção de indivíduos que ainda não têm um trabalho definido, talvez até pelo prazo antes da ida, pode também explicar este dado.

Tabela 25 – Distribuição de condição do trabalho para o qual está indo ao Japão segundo sexo

	Homens	Mulheres
Contrato direto	9,6%	14,9%
Contrato indireto	43,8%	41,2%
Turista	0,6%	1,0%
Sem definição	45,4%	42,9%
Não respondeu	0,6%	0,0%

Fonte: dados da pesquisa - questionário A.

A maioria irá arcar com os custos da passagem (Tabela 31). De qualquer forma, algo como um terço tem a passagem custeada com a empreiteira/agenciadora, o que é preocupante, pois se sabe dos abusos cometidos com o superfaturamento do preço. Por outro lado, observa-se uma queda no percentual de passagens custeadas por empreiteiras/agenciadoras entre os primeiros *dekasseguis* (questionário C) e o potenciais *dekasseguis*, o que pode ser mais uma sinalização para a mudança na natureza do processo migratório.

Tabela 26 – Distribuição do custeio da passagem de ida ao Japão em cada um dos questionários aplicados segundo sexo.

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
A firma para a qual trabalha	7,2%	8,1%	2,1%	2,6%	13,2%	11,7%
Empreiteira/agenciadora	34,0%	28,2%	34,6%	29,3%	46,7%	42,6%
Próprio/família	52,9%	56,2%	63,4%	67,3%	39,0%	43,3%
Outros	3,9%	3,5%			0,7%	2,1%
Não respondeu	1,9%	3,9%	0,0%	0,8%	0,5%	0,2%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Cartas, telefonemas e-mails em casa foram as formas mais comuns alegadas para o futuro contato com a família (Tabela 27). Comparando-se as respostas dos questionários B e C, observa-se o crescimento da opção e-mail próprio em casa e e-mail de celular, compatível com as diferenças temporais entre as levas de *dekasseguis* e as mudanças do paradigma tecnológico nas comunicações. Cumpre observar que para os potenciais *dekasseguis*, tratam-se apenas de conjecturas, o que não permite uma comparação *stricto sensu* com as respostas obtidas nos outros questionários.

Tabela 27 – Distribuição de como pretende obter notícias dos familiares/ amigos em cada um dos questionários segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Cartas	52,5%	65,4%	17,5%	17,8%	60,1%	70,7%
Telefonemas	85,2%	86,3%	93,5%	94,6%	94,6%	96,6%
E-mail próprio em casa	32,0%	37,5%	43,2%	48,4%	9,5%	11,3%
E-mail no trabalho	1,3%	2,8%	0,4%	0,0%	0,1%	0,0%
E-mail de acesso público	9,5%	15,7%	1,2%	1,5%	2,6%	2,1%
E-mail de telefone celular	10,3%	5,6%	8,5%	9,5%	4,6%	4,4%
Não vou me comunicar/comunico com eles	0,6%	0,0%	0,4%	0,7%	1,6%	2,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

As formas de receber notícias do Brasil sofrem uma transformação entre os *dekasseguis* que já retornaram e os que se encontravam no Japão. Observa-se um crescimento da opção internet e programas de rádio e TV, com um concomitante decréscimo das opções através de parentes /amigos e jornais/revistas, compatível, como já observado, com as diferenças temporais (Tabela 28). Aqui também as repostas dos potenciais *dekasseguis* são também não comparáveis com as dos demais, por se tratarem de conjecturas. A pequena proporção de “internet” e a grande proporção de “parentes/amigos” entre os respondentes do questionário A apontam para um provável desconhecimento da realidade japonesa.

Tabela 28– Distribuição de como pretende obter/obtem/obteve notícias do Brasil em cada um dos questionários segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Através de parentes/amigos	51,0%	64,9%	25,4%	27,5%	43,8%	46,0%
Programas de rádio e TV	69,3%	77,8%	68,3%	60,3%	49,2%	50,6%
Vídeos	36,0%	45,4%	10,1%	14,5%	27,0%	24,9%
Internet	5,2%	1,6%	39,1%	37,2%	13,2%	15,1%
Jornais e revistas	12,4%	4,7%	30,0%	32,7%	50,3%	50,0%
Não vou acompanhar/acompanho notícias do Brasil	1,9%	0,0%	3,3%	7,1%	3,0%	3,1%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

É preocupante a proporção de indivíduos, entre os potenciais *dekasseguis*, que declararam não saber ou não ter decidido se os filhos freqüentarão à escola: 37% entre os homens e 41% entre as mulheres (Tabela 29). Entre os *dekasseguis* que retornaram e os que se encontravam no Japão, a maioria apresentou como opção preferencial a escola japonesa possivelmente devidos aos custos mais baixos. A preferência por escola brasileira entre os potenciais *dekasseguis* indica provavelmente uma menor integração com a realidade do país, um desejo advindo da expectativa temporária da migração e um desconhecimento dos custos correspondentes.

Tabela 29 – Distribuição se os filhos freqüentarão/freqüentam/freqüentaram escola em cada um dos questionários segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Não sei/não decidi	36,5%	41,4%				
Escola japonesa	22,1%	32,0%	29,9%	51,6%	57,2%	59,4%
Escola brasileira	31,7%	36,9%	9,0%	8,8%	9,2%	10,6%
Ensino supletivo à distância	4,8%	0,0%			0,7%	0,5%
Não freqüentarão/freqüentam/freqüentaram escola	4,8%	25,0%	37,1%	22,0%	32,8%	29,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Mais de ¾ dos entrevistados não se fixou uma meta de poupança a ser alcançada no Japão (74,4% dos homens e 86,2% das mulheres), mas entre os homens a maioria pretende fazer remessas regulares para o Brasil (Tabela 30). Entre as mulheres algo como um pouco mais de 1/3 também pretende fazê-lo.

Tabela 30 – Distribuição se pretende fazer remessas para o Brasil segundo sexo

	Homens	Mulheres
Sim	51,7%	36,8%
Não	48,3%	62,3%
Sem resposta	0,0%	0,9%

Fonte: dados da pesquisa - questionário A.

II. 3 – Empreendedorismo e capacitação

Entre as mulheres é maior a proporção de entrevistados que declararam não ter nenhuma experiência com negócios ou em situação de chefia: 73,8 contra 54,5% dos homens. A legislação (trabalhista e tributária) foi apontada como a maior dificuldade entre os *dekasseguis* potenciais, seguida de planejamento. Em média, algo como um terço dos potenciais *dekasseguis* entrevistados apontou dificuldades em cada um dos itens. Estas proporções são diferentes para os demais *dekasseguis*: para os retornados, a proporção dos que responderam ter dificuldades com legislações (tributária e trabalhista) e abrir negócios é bem maior (Tabela 31).

Tabela 31 – Distribuição se tinha experiência com negócios enfrentou dificuldades em segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Planejamento	15,3%	10,1%	16,2%	10,0%	20,9%	13,4%
Execução	10,2%	8,5%	7,5%	8,0%	14,4%	12,7%
Abrir negócios	7,7%	6,1%	7,1%	2,0%	12,7%	10,0%
Acompanhamento	8,3%	8,5%	10,4%	5,0%	14,8%	8,6%
Liderança	10,3%	4,9%	8,3%	3,0%	9,7%	8,1%
Gerenciamento	12,8%	9,2%	17,5%	6,0%	15,3%	9,7%
Legislação tributária	16,0%	10,9%	12,0%	4,0%	26,0%	12,6%
Legislação trabalhista	13,5%	10,9%	9,1%	5,0%	23,4%	11,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

A maioria dos potenciais *dekasseguis* entrevistados pretende abrir negócio ou está em dúvida sobre o assunto (Tabela 32), mas a maioria não buscou informações sobre o assunto (Tabela 33), resposta essa coincidente em todos os questionários. Ainda que a poupança não tenha sido apontada como a razão principal da ida ao Japão, parece como subjacente no discurso dos entrevistados. A dúvida é menor entre os *dekasseguis* retornados, que apresenta também um maior percentual de respostas de que não pretendem abrir negócio próprio.

Tabela 32 – Distribuição se pretende abrir negócio próprio segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Sim	49,90%	37,60%	68,97%	58,26%	41,00%	25,70%
Não	20,50%	34,70%	10,50%	13,50%	47,30%	59,20%
Estou em dúvida	29,50%	23,00%	18,01%	27,54%	9,90%	13,60%
Não respondeu	0,00%	4,70%	1,69%	0,69%	1,70%	1,60%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Tabela 33 – Distribuição se já buscou informações segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Sim	28,9%	22,7%	40,9%	26,8%	29,7%	27,3%
Não	69,2%	76,5%	56,2%	72,5%	69,1%	69,8%
Não respondeu	1,9%	0,9%	2,9%	0,7%	1,2%	2,8%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Uma minoria é taxativa sobre não trabalhar em cooperativa, mas a maioria expressa dúvidas sobre o assunto, o mesmo padrão sendo encontrado em todos os questionários (Tabela 34).

Tabela 34 – Distribuição se consideraria trabalhar em cooperativa segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Sim	27,6%	19,0%	43,2%	31,8%	33,5%	27,9%
Não	20,5%	15,8%	25,0%	29,6%	16,3%	16,2%
Estou em dúvida/ nunca pensei nisto	49,3%	62,5%	31,3%	37,9%	48,6%	51,2%
Não respondeu	2,6%	2,7%	0,4%	0,7%	1,6%	4,7%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Uma porção expressiva declara nunca ter pensado em freqüentar cursos (39,8% dos homens e 40,2% das mulheres), embora a maioria expresse apenas interesse, mas não tempo para a atividade. Língua e cultura despertam mais interesse do que cursos profissionalizantes, o que de certa forma confirmaria o fato de aceitarem trabalhar como dekassegui, isto é, mão de obra não especializada como uma situação temporária (Tabela 35).

Tabela 35 – Distribuição se teria tempo/interesse de freqüentar cursos de língua segundo sexo

	Língua		Cultura		Profissionalizante		Gerenciamento	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Tempo	6,4%	3,8%	6,4%	3,8%	3,2%	3,8%	4,5%	5,2%
Interesse	42,9%	48,3%	42,9%	48,3%	33,2%	35,3%	33,9%	32,2%
Tempo e interesse	3,8%	5,1%	3,8%	5,1%	2,5%	2,7%	3,8%	0,9%
Não respondeu	46,8%	42,8%	46,8%	42,8%	61,0%	58,3%	57,8%	61,7%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Uma minoria prescinde da ajuda/apoio na volta ao Brasil. Diferente da demanda por cursos profissionalizantes no Japão, na volta a maioria opta por cursos de gerenciamento para ajudar a abrir negócios, indicando que a preparação antecipada não é a característica marcante destes migrantes potenciais, fato coerente com o pouco interesse por cursos profissionalizantes, mencionado acima. Arrumar emprego/trabalho é

também indicado como importante. Ajuda com documentação e adaptações ao país estão num terceiro lugar. Observa-se um crescimento da opção de gestão empresarial entre os *dekasseguis* no Japão e os potenciais *dekasseguis* em relação aos *dekasseguis* retornados.

Tabela 36 – Distribuição do tipo de apoio que precisaria para adaptação no país no retorno ao Brasil segundo sexo

	Questionário A		Questionário B		Questionário C	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Apoio de amigos e familiares para adaptação no país	17,4%	15,7%	30,0%	28,5%	35,2%	38,8%
Apoio de amigos e familiares para arrumar trabalho	23,0%	31,6%	15,0%	15,0%	29,8%	25,1%
Capacitação profissional para arrumar emprego	22,4%	38,7%	12,1%	17,7%	29,0%	34,9%
Apoio educacional para adaptação dos filhos na escola	11,6%	16,7%	11,2%	25,2%	8,2%	13,8%
Gestão empresarial através de recursos para abrir negócio próprio	50,6%	40,4%	57,9%	50,5%	33,4%	25,3%
Apoio para regularizar documentação	16,0%	16,3%	12,9%	14,6%	11,6%	10,4%
Assistência médica	11,5%	19,2%	10,4%	15,0%	10,8%	14,4%
Assistência psicológica	5,7%	12,4%	2,1%	5,7%	11,1%	14,2%
Outros apoios	1,9%	1,8%	2,1%	2,1%	8,9%	4,8%

Fonte: dados da pesquisa - questionários A, B e C.

Simplemente para controle, as Tabela 43 e Tabela 38 apresentam a distribuição da cidade e UF de origem dos entrevistados.

Tabela 37 – Distribuição da cidade onde mora segundo sexo

	Homens	Mulheres
	0,0%	0,9%
ARAPONGAS	0,6%	0,0%
ASSAI	0,6%	0,9%
BANDEIRANTES	0,0%	0,6%
BASTOS	2,6%	3,6%
BELÉM	1,9%	3,6%
BOITUVA	0,6%	0,0%
CAMPO GRANDE	6,4%	10,1%
CAMPO MOURÃO	1,3%	1,9%
CARAPICUOBA	0,6%	0,0%
CIANORTE	1,3%	0,0%
COLOMBO	1,9%	1,0%
CURITIBA	15,9%	11,6%
DIADEMA	0,0%	1,0%
FORTALEZA	0,0%	1,0%
IAERÍ	0,6%	0,0%
JACAREÍ	0,6%	0,9%
LONDRINA	10,8%	10,6%
MARIALVA	1,3%	0,0%
MARINGÁ	7,0%	3,6%
MATO GROSSO	0,0%	0,9%
MOGI DAS CRUZES	1,3%	0,9%
OSASCO	1,3%	0,0%
PARANAÍ	0,6%	0,0%
PIRAJU	1,3%	0,0%
POMPÉIA	1,3%	0,6%
SANTO ANDRÉ	3,2%	1,8%
SAO JOSÉ DOS CAMPOS	2,5%	1,8%
SARANDI	0,0%	1,5%
SOROCABA	3,2%	4,7%
SÃO BERNARDO DO CAMP	0,0%	2,5%
SÃO PAULO	31,2%	33,1%
TUPÃ	0,0%	0,9%

Fonte: dados da pesquisa - questionário A.

Tabela 38 – Distribuição da Unidade de Federação onde mora segundo sexo

	Homens	Mulheres
CE	0,0%	1,0%
MS	6,4%	11,0%
PA	0,6%	2,7%
PR	43,9%	32,7%
SP	49,0%	52,6%

Fonte: dados da pesquisa - questionário A.

III - Comentários

São razoavelmente bem marcadas as mudanças ocorridas no perfil dos potenciais *dekasseguis vis-à-vis* aos respondentes dos outros questionários. Estas mudanças, de alguma forma, acompanham as características associadas aos migrantes *nikkeys* brasileiros de algumas das fases da temporalização proposta por Naoto (2003). Obviamente os três grupos entrevistados têm também muitos pontos em comum.

A grande maioria dos potenciais *dekasseguis* é casada (característica dos três grupos estudados). Verifica-se uma mudança na tendência temporal (Questionários C, B e A nesta ordem), pois esperar-se-iam ainda mais casados entre os potenciais *dekasseguis*. Esta proporção de solteiros maior do que o esperado pode estar indicando uma inflexão no caráter da migração. A mudança seria na direção de uma migração de caráter mais especulativo, por oposição ao caráter contratado (ver Molho, 1986) dos grupos anteriores. A mudança do caráter da demanda de mão de obra não especializada no Japão (com um aumento do “arbitto”⁵) pode explicar parte da mudança.

Homens e mulheres viajam principalmente sozinhos, confirmando a hipótese da separação temporária das famílias (já que uma grande proporção é casada), mas o que se observa é que entre os potenciais *dekasseguis*, há um aumento grande de mulheres que viajam sozinhas. Entre as mulheres é importante a migração familiar, seja com o cônjuge, seja com irmãos, porém menor entre os potenciais *dekasseguis*. Observa-se também uma queda na proporção dos que viajam com os pais e irmãos entre os potenciais *dekasseguis*, também reforçando a mudança no caráter da migração.

Com respeito à geração dos migrantes, como era de se esperar pois se trata de um grupo em média mais jovem, observa-se que há um maior distanciamento na relação com o Japão no questionário A na comparação com os demais questionários. Entre as mulheres migrantes potenciais e casadas são preponderantes os cônjuges *nikkeys*, embora quando comparadas com as levas anteriores, a proporção de cônjuges *nikkeys* seja menor. Entre os homens, o comportamento é o mesmo, mas a tendência temporal é respeitada (maior proporção no questionário C, menor no questionário A com uma situação intermediária no B). Este distanciamento é concomitante com um pior manejo da língua japonesa (fala, escrita, leitura e entendimento), o que pode implicar num processo de adaptação mais lento e penoso. Um fator que poderia contrabalançar esta característica é a mudança para uma migração apoiada em redes sociais, por oposição a dos primeiros migrantes, mais comodificada.

As razões predominantes que fundamentariam a ida ao Japão estão ligadas ao mercado de trabalho e ao capital humano: desemprego, insatisfação com a renda, busca de oportunidade de melhoria e conseguir recursos para pagar os estudos. O caráter temporário do movimento fica mais uma vez evidenciado pelo fato de objetivos como se fixar no Japão e poupar dinheiro para investir no Japão terem pouca representatividade entre os potenciais *dekasseguis*, como aconteceu com os seus contrapartes dos questionários B e C.

⁵ trabalho temporário

Mais da metade dos entrevistados do questionário A declarou ter pesquisado sobre a situação no Japão. Parentes e amigos são a principal fonte de informações para os migrantes potenciais. Agências de viagem e empreiteiras vem a seguir, mas com valores bem menores. Esta informação reforça a hipótese de uma inflexão no caráter dos migrantes Brasil-Japão. Como já comentado, este grupo parece depender mais fortemente das redes de reciprocidade (famílias e amigos) do que dos canais que Naoto considera típico que caracterizavam a migração como uma commodity e na verdade foram importantes nos respondentes dos questionários B e C. Um outro indicador desta inflexão é a queda no percentual de passagens custeadas por empreiteiras/agenciadoras, passando a família a ser a fonte mais importante.

O que parece ser a marca registrada de todos estes entrevistados e a percepção de que não é necessário preparar-se para ter um negócio. A maioria dos potenciais *dekasseguis* entrevistados pretende abrir negócio ou está em dúvida sobre o assunto, mas um grande número não buscou informações sobre o assunto (respostas essas coincidentes em todos os questionários). Esta não preparação para a volta explica o nível de fracasso e frustração dos *dekasseguis* retornados e as reiteradas idas e vindas no eixo Brasil-Japão.

Bibliografia

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE *DEKASSEGUI*S. Dekassegui: empreendedor e cidadão. Sebrae Nacional; [Curitiba];, 2004. 73p. Kaizô Iwakami Beltrão; Sonoe Sugahara. Coordenadores da pesquisa de campo.

BELTRÃO, K. I. & SUGAHARA, Sonoe. Permanentemente temporário: *dekasseguis* brasileiros no Japão, *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo vol. 23, n. 1, p. 61-85, jan./jun. 2006.

BELTRÃO, K. I. & SUGHARA, S. *O ciclo e a tangente: dekasseguis brasileiros no Japão (questionário B)*, Textos para discussão, ENCE, nº 27, 2009a.

BELTRÃO, K. I. & SUGAHARA, Sonoe. *Reintegração? Trabalhadores que retornaram ao Brasil após trabalharem no Japão (questionário C)*, Textos para discussão, ENCE, nº 28, 2009a.

IBGE. Censo Demográfico – 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. (microdados, CD-ROM).

KODAMA, Kaori. O Sol nascente do Brasil: um balanço da imigração japonesa. In: BRASIL : 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro : IBGE, 2000. 231p. ; p. 197-213.

MOLHO, Ian. Theories of Migration: A review. *Scottish Journal of Political Economy*, 33, 4, 1986, pp.396-419.

NAOTO, Higuchi. Migration process of nikkei Brazilians. In: *Emigración Latinoamericana: Comparación Interregional entre América del Norte, Europa y Japón*, Mutsuo Yamada (ed.), JCAS Symposium Series, Osaka: Japan Center for Area Studies, pp. 379-406.2003.

ROSSINI, R. E. O Brasil no Japão: a conquista do espaço dos nikkeis do Brasil no Japão. *Anais do XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP*. Caxambu, 2004.

SAITO (Org.). *A Presença japonesa no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz ; Edusp, 1980.

SASAKI, E. M. *Dekasseguis: migrantes brasileiros no Japão*. *Anais do XI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP*. Caxambu, 1998.

TSUDA, Takeyuki. The future of Japan as a country of immigration. Comparative Immigration and Integration Program (CIIP) Seminar, 23 de fevereiro de 2001.

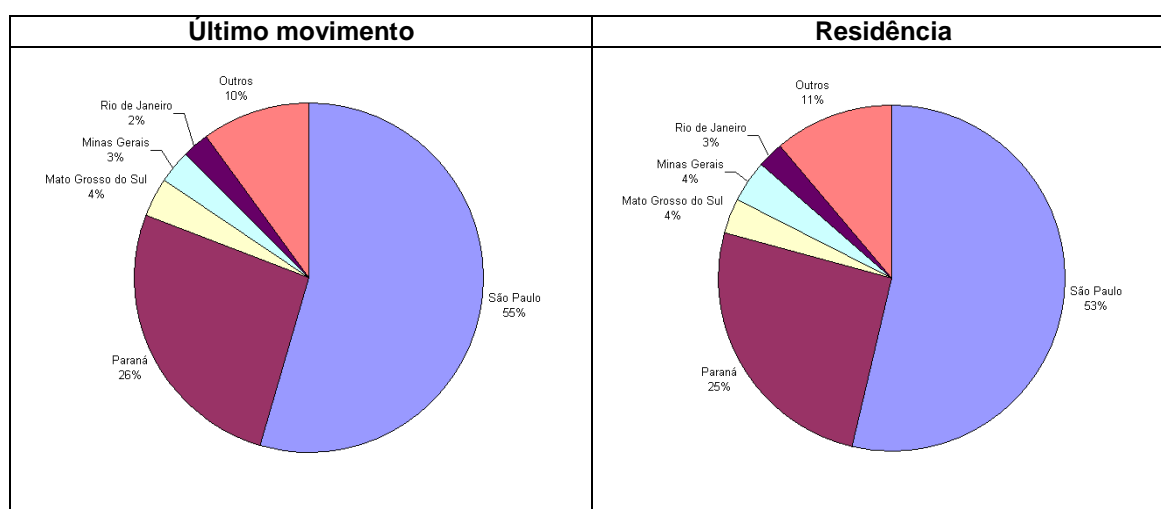
ANEXO A – Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no Japão, Ufs e municípios selecionados e cotas amostrais

No Censo de 2000, cerca de 20 mil brasileiros, residentes na data do Censo no Brasil, declararam estar no Japão cinco anos, antes, isto é, 1995 (ver Tabela A 1). É claro que não se pode supor que, na sua totalidade, fossem todos *dekasseguis* retornados, mas na ausência de informações mais específicas, este número e sua distribuição etária e de escolaridade foram utilizados como guia para o desenho das quotas amostrais para a pesquisa sobre os trabalhadores que retornaram ao Brasil após trabalharem no Japão.

A população com o último movimento migratório com origem no Japão é maior, mas inclui uma proporção muito maior de crianças e, por isso, optou-se pela utilização da informação de data fixa para os pesos (ver Gráfico A 1 e Tabela A 1).

A idéia primeira era de concentrar a amostra nas UFs com um maior número de *dekasseguis* (ver Gráfico A 1). Minas Gerais apesar do grande número declarado, não foi incluída na amostra por não se identificar colônias expressivas de população de origem nipônica: acreditou-se que estariam dispersos e seriam, portanto, de mais difícil acesso. Pará, por outro lado, com número menor do que Minas Gerais ou Rio de Janeiro tinha uma colônia reconhecida e foi incluída na amostra. Para facilitar a coleta e dadas as restrições dos entrevistadores, trabalhou-se também com cidades pólo nas Ufs escolhidas, tentando distribuir espacialmente a amostra. No estado de São Paulo foram escolhidas: Região Metropolitana de São Paulo, Sorocaba, São José dos Campos, Araçatuba e Campinas. No Paraná, foram escolhidas a Região Metropolitana de Curitiba, Maringá e Londrina; no Pará, a Região Metropolitana de Belém e no Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

Gráfico A 1 – Distribuição da População Residente em 2000 por UF de residência, que declararam residência no Japão em 31 de julho de 1995



Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 1 – População Residente em 2000 por UF de residência que declararam a origem do último movimento migratório com origem no Japão ou a residência no Japão em 31 de julho de 1995

UF	Último movimento			Residência		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Amazonas	67	158	225	84	74	158
Bahia	95	92	187	54	40	94
Ceará	63	42	105	35	17	52
Distrito Federal	183	138	321	142	88	230
Espírito Santo	26	37	63	18	35	53
Goiás	279	275	554	103	163	266
Mato Grosso	159	194	353	120	120	240
Mato Grosso do Sul	735	659	1394	355	355	710
Minas Gerais	627	518	1145	404	327	731
Pará	402	388	790	199	177	376
Paraíba	24	14	38	8	11	19
Paraná	4845	4948	9793	2596	2414	5010
Pernambuco	100	72	172	18	18	36
Piauí	11	0	11	11	0	11
Rio de Janeiro	440	451	891	259	256	515
Rio Grande do Sul	213	195	408	132	97	229
Rondônia	41	51	92	59	50	109
Roraima	5	0	5	39	13	52
Santa Catarina	185	176	361	126	109	235
São Paulo	10391	9792	20183	5534	5005	10539
Tocantins	9	16	25	5	5	10
Brasil	18900	18216	37116	10301	9374	19675

Fonte: IBGE Censo 2000.

Uma outra variável levantada e que se pensou, de antemão, teria um impacto no comportamento dos migrantes seria a escolaridade. No texto sobre os *dekasseguis* que se encontravam no Japão em janeiro de 2004 (Questionário B), são apresentados gráficos das distribuições por sexo, idade e anos de estudo da população migrante⁶. Observa-se que os migrantes apresentam uma escolaridade tipicamente menor para as idades mais jovens e, por outro lado, apresentam proporcionalmente menos indivíduos nos escalões educacionais mais baixos nos grupos etários em idade ativa e mesmo de idosos.

⁶ Neste texto refere-se aos residentes no Brasil em 2000 que declararam estar residindo no Japão 5 anos antes com este termo, “migrantes”.

A seguir são apresentadas as distribuições por sexo, grupo etário e escolaridade da população migrante que norteou a definição das quotas para a amostragem (ver Tabela A 2 a Tabela 16), bem como essas últimas (Tabela 18). A distribuição para o Brasil serviu como base para uma pós-estratificação, onde se definiram os pesos de cada indivíduo na amostra. A amostra foi expandida para reproduzir a distribuição de sexo/idade/escolaridade com uma defasagem de 10 anos. Os dados dos questionários foram digitados utilizando-se o pacote CSPRO⁷. Para as tabulações utilizou-se o mesmo pacote.

Tabela A 2 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no Brasil

Idade em anos, classe	Menos De 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	1108	846	309	217	0	0	0	0	1417	1063
De 15 a 24 anos	43	48	504	665	311	488	9	28	867	1229
De 25 a 34 anos	104	80	1012	799	1604	2102	347	545	3067	3526
De 35 a 44 anos	45	36	608	419	942	877	614	542	2209	1874
De 45 a 54 anos	62	75	593	410	465	262	327	163	1447	910
De 55 e +	236	147	608	463	265	68	125	19	1234	697

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 3 Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no estado do Paraná

Idade em anos, classe	Menos De 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	217	169	54	29	0	0	0	0	271	198
De 15 a 24 anos	10	14	174	226	92	144	0	19	276	403
De 25 a 34 anos	18	9	236	233	546	573	93	130	893	945
De 35 a 44 anos	15	6	108	84	258	159	157	143	538	392
De 45 a 54 anos	10	5	193	141	105	89	57	33	365	268
De 55 e +	61	44	112	109	44	9	9	9	226	171

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

⁷ O programa é de domínio público e pode ser baixado no site <http://www.census.gov/ipc/www/cspro/index.html>

Tabela A 4 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de Londrina

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	22	42	6	0	0	0	0	0	28	42
De 15 a 24 anos	0	0	29	63	22	24	0	0	51	87
De 25 a 34 anos	0	0	10	51	140	91	11	47	161	189
De 35 a 44 anos	0	0	16	13	62	40	38	31	116	84
De 45 a 54 anos	0	0	33	66	22	41	0	0	55	107
De 55 e +	12	0	50	67	10	9	0	0	72	76

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 5 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 na região metropolitana de Curitiba

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	35	36	16	0	0	0	0	0	51	36
De 15 a 24 anos	7	0	37	53	16	32	0	7	60	92
De 25 a 34 anos	0	0	30	9	110	90	10	16	150	115
De 35 a 44 anos	7	0	0	17	33	14	53	31	93	62
De 45 a 54 anos	0	0	49	11	24	35	29	11	102	57
De 55 e +	0	20	17	0	10	0	9	9	36	29

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 6 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de Maringá

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	43	0	10	0	0	0	0	0	53	0
De 15 a 24 anos	0	0	9	38	0	9	0	0	9	47
De 25 a 34 anos	7	0	39	45	70	131	28	9	144	185
De 35 a 44 anos	0	0	18	0	44	11	17	17	79	28
De 45 a 54 anos	0	0	7	17	6	0	10	0	23	17
De 55 e +	0	0	17	0	0	0	0	0	17	0

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 7 Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no estado de São Paulo

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	663	508	150	116	0	0	0	0	813	624
De 15 a 24 anos	24	48	252	334	187	223	9	9	472	614
De 25 a 34 anos	78	61	530	338	713	1138	175	303	1496	1840
De 35 a 44 anos	36	15	348	211	453	478	296	311	1133	1015
De 45 a 54 anos	36	60	268	192	275	108	218	78	797	438
De 55 e +	162	93	395	288	150	42	67	10	774	433

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 8 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 na região metropolitana de São Paulo

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	323	197	29	28	0	0	0	0	352	225
De 15 a 24 anos	8	28	120	204	21	103	0	9	149	344
De 25 a 34 anos	29	17	153	91	305	475	120	102	607	685
De 35 a 44 anos	33	10	106	82	179	198	188	197	506	487
De 45 a 54 anos	14	16	117	60	81	55	131	45	343	176
De 55 e +	80	25	123	97	87	30	41	10	331	162

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 9 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de Araçatuba

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	0	10	0	0	0	0	0	0	0	10
De 15 a 24 anos	0	0	0	0	8	0	0	0	8	0
De 25 a 34 anos	0	0	16	0	8	25	0	18	24	43
De 35 a 44 anos	0	0	0	8	7	0	10	0	17	8
De 45 a 54 anos	0	0	8	8	10	0	41	0	59	8
De 55 e +	0	7	0	9	11	0	0	0	11	16

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 10 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de Campinas

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	20	0	12	0	0	0	0	0	32	0
De 15 a 24 anos	0	0	0	8	9	0	0	0	9	8
De 25 a 34 anos	0	0	12	18	12	16	0	0	24	34
De 35 a 44 anos	0	0	0	0	0	22	27	9	27	31
De 45 a 54 anos	0	0	0	0	12	0	0	0	12	0
De 55 e +	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 11 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de São José dos Campos

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
De 15 a 24 anos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
De 25 a 34 anos	0	0	10	0	32	19	0	0	42	19
De 35 a 44 anos	0	0	21	10	16	7	7	0	44	17
De 45 a 54 anos	0	0	0	7	26	0	0	0	26	7
De 55 e +	0	0	19	19	7	0	0	0	26	19

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 12 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de Sorocaba

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	46	13	0	0	0	0	0	0	46	13
De 15 a 24 anos	0	0	12	0	35	10	0	0	47	10
De 25 a 34 anos	0	0	0	9	20	20	0	20	20	49
De 35 a 44 anos	0	0	22	14	20	0	0	5	42	19
De 45 a 54 anos	0	0	12	10	10	0	0	0	22	10
De 55 e +	13	21	8	12	0	0	0	0	21	33

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 13 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no estado do Pará

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	37	36	22	5	0	0	0	0	59	41
De 15 a 24 anos	0	0	0	26	0	7	0	0	0	33
De 25 a 34 anos	0	8	20	8	28	51	0	0	48	67
De 35 a 44 anos	0	0	32	0	21	16	20	0	73	16
De 45 a 54 anos	0	0	8	5	0	0	0	0	8	5
De 55 e +	0	0	5	6	0	0	0	0	5	6

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 14 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 na região metropolitana de Belém

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	31	20	11	0	0	0	0	0	42	20
De 15 a 24 anos	0	0	0	26	0	0	0	0	0	26
De 25 a 34 anos	0	0	9	8	11	24	0	0	20	32
De 35 a 44 anos	0	0	11	0	5	16	11	0	27	16
De 45 a 54 anos	0	0	8	5	0	0	0	0	8	5
De 55 e +	0	0	5	0	0	0	0	0	5	0

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 15 Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no estado do Mato Grosso do Sul

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	3	21	0	11	0	0	0	0	3	32
De 15 a 24 anos	0	9	29	34	0	27	0	0	29	70
De 25 a 34 anos	7	0	52	60	49	54	9	26	117	140
De 35 a 44 anos	3	3	37	11	43	13	18	4	101	31
De 45 a 54 anos	0	0	29	30	0	18	8	9	37	57
De 55 e +	3	3	40	8	10	0	0	0	53	11

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 16 - Distribuição da população migrante por grandes grupos de idade, sexo e escolaridade – residência em 2000 no município de Campo Grande

Idade em anos, classe	Menos de 3 anos		De 4 a 10 anos		De 11 a 14 anos		15 anos ou mais		TOTAL	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
De 5 a 14 anos	0	18	0	11	0	0	0	0	0	29
De 15 a 24 anos	0	0	20	7	0	14	0	0	20	21
De 25 a 34 anos	0	0	10	18	12	21	0	10	22	49
De 35 a 44 anos	0	0	24	11	29	13	9	0	62	24
De 45 a 54 anos	0	0	17	10	0	0	0	9	17	19
De 55 e +	0	0	10	0	10	0	0	0	20	0

Fonte: IBGE, microdados do Censo 2000.

Tabela A 17 – Tamanho da amostra por locais selecionados, escolaridade e sexo

	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Total
Metropolitana de Curitiba							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	1	0	1	0	0	4	6
Sem 2ºGrau Completo	13	12	9	5	3	0	42
Com 2º Grau Sem Faculdade	24	23	11	9	2	0	69
Com Faculdade	2	4	15	8	2	2	33
	40	39	36	22	7	6	150
Maringá							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	1	0	0	0	7	0	8
Sem 2ºGrau Completo	8	14	4	3	3	0	32
Com 2º Grau Sem Faculdade	12	24	8	2	0	0	46
Com Faculdade	5	2	5	3	0	0	15
	26	40	17	8	10	0	100
Londrina							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	5	5	10
Sem 2ºGrau Completo	6	16	7	11	7	10	57
Com 2º Grau Sem Faculdade	23	16	12	12	1	1	65
Com Faculdade	2	7	5	4	0	0	18
	31	39	24	27	13	16	150
Metropolitana de São Paulo							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	4	5	5	3	8	3	28
Sem 2ºGrau Completo	29	31	24	15	13	10	122
Com 2º Grau Sem Faculdade	34	61	27	27	9	3	161
Com Faculdade	13	12	34	26	4	1	90
	80	109	90	71	34	17	400
Sorocaba							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	4	6	10
Sem 2ºGrau Completo	4	3	10	7	2	4	30
Com 2º Grau Sem Faculdade	16	9	9	0	0	0	34
Com Faculdade	0	6	0	1	0	0	7
	20	18	19	8	6	10	80
Campinas							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	0	0	0
Sem 2ºGrau Completo	7	14	0	0	0	0	21
Com 2º Grau Sem Faculdade	12	9	7	12	0	0	40
Com Faculdade	0	0	15	5	0	0	20
	19	23	22	17	0	0	80
São José dos Campos							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	0	0	0
Sem 2ºGrau Completo	4	0	8	7	8	8	35
Com 2º Grau Sem Faculdade	13	8	17	3	3	0	44
Com Faculdade	0	0	3	0	0	0	3
	17	8	28	10	11	8	80
Araçatuba							

Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	0	3	3
Sem 2ºGrau Completo	7	0	3	7	0	4	21
Com 2º Grau Sem Faculdade	7	10	7	0	5	0	29
Com Faculdade	0	7	21	0	0	0	28
	14	17	31	7	5	7	80
Metropolitana de Belém							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	0	0	0
Sem 2ºGrau Completo	6	24	14	4	4	0	52
Com 2º Grau Sem Faculdade	8	17	4	12	0	0	41
Com Faculdade	0	0	8	0	0	0	8
	14	41	26	16	4	0	100
Campo Grande							
Sem 1ºCiclo 1ºGrau	0	0	0	0	0	7	7
Sem 2ºGrau Completo	11	9	15	8	4	0	47
Com 2º Grau Sem Faculdade	4	13	11	5	4	0	37
Com Faculdade	0	4	3	3	0	0	10
	15	26	29	16	8	7	100

ANEXO B - QUESTIONÁRIO A

(Trabalhadores brasileiros antes da partida para o Japão)

Assinale com um **X** a sua resposta ou preencha com o dado pertinente. Note que para algumas perguntas é possível ter respostas múltiplas. Nestas perguntas haverá sempre um lembrete. No caso de perguntas dispostas em tabelas, espera-se do respondente que um item por linha seja marcado.

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

a) Sexo:

masculino

feminino

b) Idade:

anos

c) Estado civil/conjugal:

solteiro

divorciado/separado

casado

vive junto

viúvo

outro _____

d) Último curso completo concluído:

Sem Instrução Formal

Ensino Fundamental - 1º grau (antigo primário ou elementar eqüivale às 4 primeiras séries ou o 1º ciclo do 1º grau; antigo ginásio, ensino médio eqüivale às 4 séries seguintes ou o 2º ciclo do 1º grau)

Ensino Médio - 2º grau (antigo científico, clássico ou escola normal) - aí incluído os cursos técnicos profissionalizantes

Ensino Superior - 3º grau – Faculdade

Especialização/Extensão

Mestrado ou doutorado

e) Você é descendente de japonês?

sim, por parte de pai e mãe

sim, por parte de somente um dos dois

não sou descendente de japonês

f) Se for descendente, qual a geração mais perto da sua que veio do Japão?

a minha (sou japonês)

a de meus pais

a de meus avós

anterior a de meus avós

não sou descendente de japonês

g) Se for casado(a) ou vive junto, o(a) esposo(a)/companheiro(a) é nikkei?

sim

não

h) Qual é a sua principal atividade de trabalho? E para que tipo de trabalho está se conduzindo no Japão?

Brasil	
Japão	

i) Que conhecimento você tem da língua japonesa?

	NADA	POUCO	REGULAR	BEM
Falo				
Entendo				
Leio				
Escrevo				

j) Possui imóvel?

não

casa

apartamento

comercial

industrial

rural

outro (especifique) _____

k) Em torno de que valor é a sua renda familiar mensal atual (total: de trabalho, aluguel, de capital etc)?

l) Você tem algum tipo de cobertura de saúde/previdência (assinale uma resposta em cada linha):

	Sim,	Não
Assistência à Saúde para si		
Assistência à Saúde para a família		
Seguro de Vida		
Seguro Acidente		
Previdência oficial		
Previdência Privada		

IDA AO JAPÃO

m) Você pretende ir ao Japão:

sozinho

com esposo(a)/companheiro(a)

com esposo(a) e filhos

com os pais

com irmãos

amigos

outros – quais? _____

n) Quantas vezes você já foi trabalhar no Japão (escreva zero se nunca foi)?

vez(es).

o) Qual o período de permanência no Japão no total de vezes anteriores que foi trabalhar (escreva zero se esta é a primeira vez ou se ficou menos de 1 ano)?

ano(s)

p) Se não for esta a primeira vez, por que vai voltar ao Japão?

q) Quanto tempo pretende permanecer no Japão?

não sabe

quero morar no Japão, voltar ao Brasil somente para passear
pretendo permanecer _____

r) Quando pretende viajar para o Japão?

s) Você pesquisou sobre as condições de vida, usos e costumes e a cultura japonesa, o trabalho no Japão, seu sistema, a dinâmica, o ritmo, os turnos, os horários e as dificuldades que deverá enfrentar?

sim

não

mais ou menos

t) Onde/Com quem pesquisou? (pode marcar mais de uma opção)

não pesquisei

Agências de viagem/agenciadoras

empreiteiras

com amigos que lá estão

com parentes

livros, jornais e folhetos

entidade (CIATE, ABD, ...)

eu próprio/ família

outros. Quem? _____

z) Qual é o objetivo de sua ida ao Japão? (pode assinalar mais de uma opção)

fugir do desemprego no Brasil

insatisfação com a renda/salário que tem no Brasil

busca de oportunidade de melhoria de vida

poupar dinheiro para investir em negócios no Japão

acompanhar familiares

poupar, para no Brasil abrir um negócio próprio

poupar, para no Brasil ajudar nos negócios da família

acumular experiência numa área de trabalho

sustentar a família

conhecer o Japão

fixar-se no Japão

conseguir recursos para pagar os estudos

conseguir recursos para pagar dívidas

outros

quais? _____

aa) No Japão como você pretende obter notícias dos familiares e amigos?

cartas

telefonemas

e-mail próprio em casa

e-mail no trabalho

e-mail de acesso público

e-mail de telefone celular

não vou me comunicar com eles

bb) No Japão como você pretende ter notícias do Brasil?

através de parentes/amigos

programas de rádio e TV

vídeos

internet

jornais e revistas

não vou acompanhar notícias do Brasil

cc) Caso você esteja indo ao Japão com seus filhos, eles freqüentarão:

não sei/não decidi

escola japonesa

escola brasileira

ensino supletivo à distância

não irão à escola porque

dd) O seu objetivo financeiro é de conseguir acumular:

US\$ _____ (dólares americanos).

não pensei nisso

ee) Você pretende fazer remessas regulares de dinheiro para o Brasil?

sim

não

Valor _____/mês

EMPREENDEDORISMO E CAPACITAÇÃO

ff) Caso você tenha tido experiência com negócios próprios ou em situação de chefia, encontrou dificuldade em:

Não tive experiência

	Sim	Não
--	------------	------------

planejamento		
execução		
abrir negócio		
acompanhamento		
liderança		
gerenciamento		
legislação tributária		
legislação trabalhista		

gg) Você pretende abrir o seu próprio negócio (no Brasil ou mesmo no Japão) com o fruto de seu trabalho no Japão?

sim estou em dúvida não

hh) Você já buscou informações com pessoas que trabalham em negócios que deseja desenvolver no Brasil?

sim não

ii) Você consideraria trabalhar em um negócio em forma de cooperativismo/associativismo?

sim nunca pensei nisso não

jj) Você teria tempo/interesse em freqüentar lá no Japão cursos de língua japonesa, cultura/costumes, profissionalizante (massagens orientais, computação, mecânica, eletrônica etc) ou gerenciamento/empreendedorismo?

nunca pensei nisso

	Língua	Cultura	profissionalizante	gerenciamento
interesse				
tempo				

kk) Voltando ao Brasil, que tipo de apoio você julga que necessitará? (pode marcar mais de uma opção)

nunca pensei nisso

de amigos e familiares para readaptação na cidade, no País

de amigos e familiares para arrumar trabalho

de capacitação profissional para facilitar arrumar emprego

educacional, para adaptação dos filhos na escola

gestão empresarial através de cursos e treinamentos para abrir um negócio próprio

para regularizar documentação

assistência médica

assistência psicológica

outro – qual? _____

CIDADE _____

ESTADO _____

Muito obrigado!